



CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

INCORPORAÇÃO MIGRANTE E A REPRODUÇÃO SOCIAL:
um estudo a partir de mapas sociais de mulheres migrantes no interior de São Paulo

São Carlos
2025

ANA MARIA GOMES AUGUSTI

INCORPORAÇÃO MIGRANTE E A REPRODUÇÃO SOCIAL:

um estudo a partir de mapas sociais de mulheres migrantes no interior de São Paulo

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos como requisito para a obtenção do Título de Bacharel em Ciências Sociais
Orientadora: Profa. Dra. Svetlana Ruseishvili

São Carlos

2025

Ficha de identificação da obra

Augusti, Ana Maria Gomes

Incorporação migrante e a reprodução social: um estudo a partir de mapas sociais de mulheres migrantes no interior de São Paulo / Ana Maria Gomes Augusti -- 2025. 52f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos Orientador (a): Svetlana Ruseishvili Banca Examinadora: Thalles Vichiato Breda
Bibliografia

1. Sociologia. 2. Migração. 3. Gênero. I. Augusti, Ana Maria Gomes. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática

(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180

ANA MARIA GOMES AUGUSTI

REPRODUÇÃO SOCIAL E INCORPORAÇÃO MIGRANTE:

um estudo a partir de mapas sociais de mulheres migrantes no interior de São Paulo

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel em Ciências Sociais e aprovado em sua forma final pelo Curso de Ciências Sociais

São Carlos, 11 de julho de 2025

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Svetlana Ruseishvili

Orientadora

Universidade Federal de São Carlos

Dr. Thalles Vichiato Breda

Universidade Federal de São Carlos

Dedico este trabalho à minha mãe,
que foi o alicerce da minha jornada e a raiz do que me tornei.
Com sua força serena, foi casa antes que eu soubesse construir uma
e me ensinou a cuidar dos amores, dos sonhos e do trabalho com sabedoria e coragem.
Que inspirou essa pesquisa e toda minha luta.
Tudo o que sou carrega um traço seu.
A você, devo tudo. Obrigada.

AGRADECIMENTOS

Ao CNPq por ter apoiado financeiramente minha pesquisa de Iniciação Científica que deu origem à essa monografia. O financiamento foi fundamental para que eu pudesse realizar as viagens à Araraquara e pudesse desenvolver a pesquisa com dedicação total.

Às mulheres que se dispuseram a participar da pesquisa. Sem que me compartilhassem suas histórias, eu jamais poderia desenvolver este trabalho. Obrigada por me permitirem acessar este lugar tão íntimo que é a vida cotidiana de vocês. Espero que este estudo possa retribuir de alguma forma tamanha gentileza.

À professora Svetlana Ruseishvili, minha orientadora, que mais do que me ensinar a desenvolver uma pesquisa, me ensinou princípios de ética, dedicação e principalmente de humanidade. Obrigada por ser tamanha inspiração de profissional e de pessoa. Sem você nada disso seria possível.

À minha família, em especial meus pais Luciane e Sergio e meus tios Luciana e Anderson por todo apoio que prestaram até aqui, desde o financeiro até o emocional. Obrigada por acreditarem em mim, por me ajudarem com as mudanças e por me lembrarem que tenho um lugar para chamar de meu o qual sempre poderei voltar. Sem vocês nada disso seria possível.

Às minhas pessoas preferidas que fizeram com que eu me sentisse em casa mesmo tão longe. Julia Chacon, Leticia de Lucca, Carol Souza, Joesley Danilo vocês acompanharam toda minha trajetória em São Carlos e não poderia ser mais grata pela família que construí com vocês. Obrigada por serem meu alicerce, por lerem meus trabalhos e por torcerem por mim, é uma honra dividir essa trajetória com vocês.

Ao meu namorado, Gabriel, meu descanso e refúgio. Obrigada por ser calma em meio ao turbilhão da vida acadêmica. Com você, aprendi a desacelerar, a notar os detalhes sutis que dão sentido aos dias e a reconhecer beleza mesmo no cansaço. Obrigada pelo amor paciente, pela escuta generosa e pelas infinitas argumentações que só um casal de cientistas sociais poderia sustentar. Que sorte a minha dividir a vida - e as teorias - com você. Amo você.

Às minhas amigas, Daniela Zavaglia e Beatriz Bellini que me apoiam com comida e muita risada. Vocês deixam as responsabilidades mais leves e divertidas. Obrigada por permanecerem e por me mostrarem uma forma tão gostosa de ver a vida.

Aos amores da minha vida, minhas grandes saudades, Solana Galíndez e Mateo Lopez. Vocês mudaram a minha vida, me apresentaram um mundo completamente novo, regado de mate e reggaeton, sempre com a nossa mochila nas costas em busca de mais uma aventura. Vocês me motivam, me fazem querer conhecer todas as partes do mundo ao lado de vocês. Sos mi alma gemela, Sol. ¡Los quiero mucho, gracias por todo el apoyo de siempre!

Por fim, mas não menos importante, agradeço à República Malibu, minha segunda casa em São Carlos. Obrigada por me acolherem com tanto carinho, por cada risada, conversa e acolhida. Aí conheci algumas das melhores pessoas que a vida poderia colocar no meu caminho. Entre histórias improváveis e risadas que espantavam o cansaço, vocês tornaram os dias mais leves e deram sentido ao intervalo entre uma semana de trabalho e outra. Obrigada!

Los niños a la espalda y expectantes
Los ojos en alerta, todo oídos
Olfateando aquel desconcertante paisaje nuevo, desconocido
[...]

Somos una especie en viaje
No tenemos pertenencias sino equipaje
Vamos con el polen en el viento
Estamos vivos porque estamos en movimiento
(Jorge Drexler - *Movimiento*, 2017)

RESUMO

Esta pesquisa, fruto da minha Iniciação Científica e financiada pelo CNPq, investigou o impacto da carga de trabalho de cuidado exercido por mães migrantes na obtenção de empregos no Brasil. Com base no conceito de capital social, partimos da hipótese de que o cuidado com crianças pequenas dificulta o desenvolvimento de vínculos necessários para que as mulheres migrantes consigam emprego. O estudo empírico focou em mulheres migrantes latino-americanas em Araraquara, no interior de São Paulo. A pesquisa, de caráter qualitativo, utilizou entrevistas semiestruturadas e sociogramas (representações visuais dos vínculos sociais das participantes). Os dados confirmam que as mães migrantes possuem menos vínculos que outros grupos, aprofundando o debate sobre a "penalidade da maternidade" em contextos migratórios. A carga reprodutiva não só afeta o crescimento profissional, como também limita o desenvolvimento de vínculos que poderiam ser convertidos em emprego remunerado. Apenas 5% dos vínculos ajudaram mães a conseguir emprego contra 26,6% para não-mães. O estudo reforça a importância de políticas públicas voltadas à integração laboral feminina.

Palavras-chave: Migração; Gênero; Incorporação; Reprodução Social; Capital Social.

ABSTRACT

This research, result of my Undergraduate Research Project funded by CNPq, investigated the impact of the care workload borne by migrant mothers on their ability to obtain employment in Brazil. Based on the concept of social capital, we started from the hypothesis that caring for young children hinders the development of the social ties necessary for migrant women to access the labor market. The empirical study focused on Latin American migrant women in Araraquara, in the countryside of São Paulo. This qualitative research employed semi-structured interviews and sociograms (visual representations of participants' social networks). The data confirm that migrant mothers have fewer social ties than other groups, deepening the debate on the “motherhood penalty” in migratory contexts. The reproductive burden not only hampers professional growth but also limits the development of social ties that could be converted into paid employment. Only 5% of ties helped mothers find jobs, compared to 26.6% for non-mothers. The study reinforces the importance of public policies aimed at the labor integration of women.

Keywords: Migration; Gender; Incorporation; Social Reproduction; Social Capital.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Sala de recreação com as crianças.....	26
Figura 2. Exemplo de sociograma antes de estar preenchido	27
Figura 3. Filipeta anexada ao sociograma.....	28
Figura 4. Código dos post-its.....	29
Figura 5. Sociograma completo antes de estar preenchido.....	30
Figura 6. Preenchimento realizado pelas participantes.....	30
Figura 7. Média de vínculos por cada mulher.....	35
Figura 8. Proporção de vínculos que ajudaram a conseguir trabalho	37

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Perfil das Participantes.....	33
--	-----------

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	14
OBJETIVOS INICIAIS	16
CAPÍTULO 1 - REFERENCIAL TEÓRICO	18
1.1 Reprodução Social	18
1.2 Incorporação migrante	20
1.3 Redes Sociais	21
CAPÍTULO 2 - CONTEXTO	24
CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA	26
3.1 Inserção no campo	26
3.2 Sociograma	27
3.3 Entrevistas	30
3.4 Limitações	31
CAPÍTULO 4 - RESULTADOS E DISCUSSÃO	33
4.1 Sociograma	33
4.2. Entrevistas	37
4.2.1. Ser migrante	37
4.2.2. Ser mulher	39
4.2.3. Ser mulher e migrante no mercado de trabalho	41
4.2.4. Capital Social	43
4.2.5. E o futuro?	45
CONCLUSÃO	46
REFERÊNCIAS	48
APÊNDICE	51
1. Roteiro Entrevista Individual	51
2. Modelo de Sociograma	52

INTRODUÇÃO

A intensificação dos fluxos migratórios no contexto global contemporâneo tem revelado contradições importantes entre os ideais de globalização e as práticas de controle territorial. No centro dessa discussão, está a figura do migrante – frequentemente percebido como sujeito deslocado, indesejado ou ameaçador – cujas experiências revelam múltiplas formas de subalternização, especialmente quando atravessadas por marcadores de gênero, classe e raça.

Segundo Glick-Schiller et al. (1995), os Estados-nação foram construídos pelas elites que lutavam para manter ou obter o poder do estado. Para isso, popularizaram memórias de um passado compartilhado e usaram essa narrativa para validar a suposta uniformidade de um objetivo nacional comum, isto é, foi um processo de construir e moldar memórias a fim de responder aos interesses da própria classe dominante. Atualmente, mesmo com uma aparente ruptura de fronteiras, os processos culturais transnacionais e o movimento de pessoas, ideias e capital têm sido acompanhados por uma crescente política identitária que celebra a *nação* (Glick-Schiller et al., 1995), o que revela um paradoxo entre globalização - aberta, ampla, dinâmica - e nacionalismo - restrito, excludente, tradicional.

Essa lógica é aprofundada por Anderson (2019) evidencia como os migrantes são pessoas as quais o movimento e presença são considerados um problema. Isso geralmente exclui a classe média-alta e branca que se identifica com a elite e que, portanto, experiencia e enxerga os controles migratórios como efeito colateral, mas não se veem como alvos desse controle. Em outras palavras, o migrante é aquele que é visto e se vê como fora do lugar, como *outro*. Além disso, a autora afirma que os estudos sobre migração têm perpetuado a norma imaginária de que os Estados e comunidades estão sendo corrompidos economicamente e culturalmente por esses sujeitos em mobilidade. Isso revela uma subordinação entre cidadãos e migrantes, já que os Estados tendem a priorizar as necessidades dos primeiros em relação aos últimos. Essa dinâmica impõe sobre os indivíduos migrantes uma condição de subalternos em nome de fronteiras, costumes e políticas criadas, mas principalmente, *imaginadas* para os cidadãos pertencentes a essa circunscrição.

Tendo isso em vista, é importante assinalar que para as mulheres que migram isso é ainda mais marcado, afinal, além das opressões sofridas pelo status de migrante, elas ainda sofrem as opressões imbricadas ao gênero feminino, afinal, são criadas para serem limitadas e, portanto, se tornam restritas ao ambiente doméstico. Segundo Mimi Sheller (2016), existe uma fetichização do status de imobilidade das mulheres - enquanto a socialização de meninos

incentiva aventuras, mobilidade através do espaço, tomada de riscos, as garotas são socializadas a partir de atividades mais sedentárias, circunscritas num espaço delimitado. Isso se mostra até mesmo com as vestimentas designadas ao gênero feminino - desde os corsets da era vitoriana até os saltos-altos e roupas muito justas da modernidade.

Nas palavras de Guizardi et al. esse processo poderia ser considerado como uma “justaposição dos diversos fatores de subalternização” (2018, p. 54) uma vez que a mobilidade acentua a tensão entre a esfera reprodutiva (doméstica) e a esfera produtiva (do trabalho) fruto do “contrato sexual” - o que torna os sistemas de dominação ainda mais complexos, uma vez que, o status de migrante já pressupõe uma relação de “outro” ao cidadão nativo. Somada à questão de gênero, os fatores de dominação se sobrepõem, tornando ainda mais difícil para as mulheres que atravessam esse processo.

Adicionalmente, ainda que a tecnologia venha se desenvolvendo a passos largos, a internet não é capaz de buscar uma criança na escola e um robô não consegue substituir um colo num momento difícil. No entanto, com a entrada da mulher na esfera produtiva, essas atividades ainda precisam ser realizadas por alguém. No caso das famílias de classe média alguns desses trabalhos foram terceirizados para empregadas domésticas, por exemplo¹. Entretanto, para as classes mais baixas, as mulheres costumam se encontrar numa encruzilhada: se dedicar à família e não trabalhar ou se dividir entre o trabalho e os cuidados com a casa. De qualquer forma elas são isoladas da esfera pública já que no primeiro caso estão de fato limitadas pelos afazeres domésticos e no segundo demasiadamente sobrecarregadas para pensarem em outra coisa que não seja descansar ou cumprir suas responsabilidades. No caso das migrantes isso se intensifica pois o alojamento, adaptação e inserção na vida social em um país e cidade novos demandam muito tempo e energia - recursos que normalmente estão em falta no cenário em questão.

Nesse cenário, compreender o papel das redes sociais torna-se essencial para analisar as estratégias de inserção laboral das mulheres migrantes. O conceito de capital social, conforme desenvolvido por Bourdieu (1986) e retomado por Su (2022), diz respeito ao conjunto de recursos que um indivíduo pode acessar por meio de suas conexões sociais – sejam elas baseadas em laços familiares, comunitários ou institucionais. No entanto, quando sobrecarregadas pelas tarefas reprodutivas, como ocorre frequentemente com mulheres

¹ Aqui, é importante assinalar que o *care*, por ser visto como um exercício inferior, geralmente é delegado para mulheres negras, migrantes, pessoas de baixa renda etc. perpetuando as relações de dominação já discutidas anteriormente. Para mais informações sobre o mercado de trabalho do *care*, consultar: Hirata, 2022; Hochschild, 2012; Sassen, 2004.

migrantes, especialmente aquelas com filhos pequenos, essas conexões tendem a ser limitadas tanto em diversidade quanto em alcance. Argumentamos que a intensificação do trabalho de cuidado compromete o tempo e a energia disponíveis para a construção e manutenção de vínculos sociais, dificultando sua conversão em capital social mobilizável.

Sendo assim, essa investigação buscou compreender como os trabalhos de reprodução social e o *care* influenciam a obtenção de capital social e conseqüentemente em sua operacionalização quando mulheres migrantes – especialmente mães – buscam obter renda própria. A pesquisa foi desenvolvida em Araraquara, por ser uma cidade média que recebe muitos imigrantes e refugiados e que, por isso, possui um curso de português como língua de acolhimento bastante estruturado. A hipótese da investigação consiste na ideia de que a carga do trabalho reprodutivo que incide mais sobre mulheres dificulta a criação de redes sociais em quantidade e qualidade suficiente para que sejam articuladas como capital social - especialmente quando essas mulheres são mães de filhos pequenos, ou seja, na idade pré-escolar. Para responder a essa questão, aplicamos um modelo adaptado do sociograma de Su (2022) e realizamos entrevistas semiestruturadas com mulheres estrangeiras provenientes de outros países latino-americanos que participavam do curso mencionado acima.

Este trabalho está organizado em seis partes. Na primeira, apresento os objetivos da pesquisa, com ênfase na forma como o trabalho reprodutivo impacta a incorporação das mulheres migrantes no Brasil. Em seguida, desenvolvo o referencial teórico, abordando os conceitos de reprodução social, incorporação migrante e redes sociais. A terceira parte é dedicada à contextualização empírica, com foco na cidade de Araraquara, destacando seu papel como cidade média com políticas públicas voltadas à população migrante. Posteriormente, descrevo a metodologia empregada, detalhando a inserção no campo, a aplicação do sociograma e a realização de entrevistas semiestruturadas. A quinta parte apresenta a análise dos dados, discutindo os resultados obtidos à luz das questões de gênero, trabalho e capital social. Por fim, nas considerações finais, sintetizo os principais achados da pesquisa e reflito sobre a importância de políticas públicas voltadas à inserção laboral e ao suporte no cuidado familiar de mulheres migrantes.

OBJETIVOS INICIAIS

Esta pesquisa pretendeu investigar como o trabalho reprodutivo afeta a incorporação de mulheres latino-americanas migrantes que vivem no interior de São Paulo. Além disso também se observou:

- Se e como a condição de mãe impacta a incorporação das mulheres na cidade;

- Se a idade dos filhos também impacta este processo;
- Quais são a quantidade e qualidade de redes sociais estabelecidas por essas mulheres na sociedade de destino;
- Se e como o capital social resultante dessas redes influenciou a inserção laboral (geração de renda) dessas mulheres;

Além disso, buscou-se:

- Mapear as redes sociais das interlocutoras;
- Complementar o debate migratório com uma perspectiva generificada.

CAPÍTULO 1 - REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Reprodução Social

Para compreender os desafios enfrentados pelas mulheres migrantes na sua inserção laboral, é necessário antes analisar a lógica da reprodução social — uma esfera muitas vezes invisibilizada, mas absolutamente essencial para a sustentação da vida e do sistema produtivo. A teoria feminista tem destacado como esse trabalho, frequentemente relegado às mulheres, é estruturante do capitalismo, embora não seja reconhecido como tal.

Por “esfera reprodutiva” entendemos como aquilo que é necessário para que o trabalhador tenha condições de voltar para a fábrica no dia seguinte². Embora Marx destaque o papel central da força de trabalho na produção capitalista, a teoria feminista aponta que ele pouco se deteve em analisar como essa força de trabalho é sustentada e reproduzida no cotidiano. Para as feministas, o trabalho reprodutivo é parte indispensável para a perpetuação do capitalismo, é o que acontece fora da esfera de produção, isto é, a fábrica. Em casa é onde o proletário se alimenta, descansa e recebe os cuidados necessários para sua própria manutenção e para suportar as contradições do sistema. É assim que o capital se regenera e se perpetua ao longo do tempo com a garantia de que sempre haverá trabalhadores frescos e prontos para venderem suas forças de trabalho e garantir o excedente de capital para a burguesia (Bhattacharya, 2019; Federici, 2019; Guizardi; Torralbo; Stefoni, 2018; Ruas, 2020).

Nesse sentido, este trabalho pode ser entendido como um sistema composto por três processos interconectados: atividades que regeneram o trabalhador fora da produção (comida, cama e cuidados psíquicos para mantê-lo íntegro); atividades que regeneram não-trabalhadores que estão fora do sistema de produção (idosos, crianças etc.); e a reprodução biológica de trabalhadores (nascimento de filhos). Além disso, consiste em tarefas que não são remuneradas, são invisíveis e incluem a manutenção da casa, cozinhar, cuidar das crianças, prover cuidado psíquico para os integrantes da família, entre outros (Bhattacharya, 2019).

A teoria do *care* aprofunda essa discussão trazendo-a para o aspecto mais subjetivo, das emoções. Segundo Helena Hirata, o cuidado, nesse sentido, pode ser definido como:

Um trabalho material, técnico e emocional moldado por relações sociais de sexo, de classe, de “raça”/etnia, entre diferentes protagonistas; os(as) provedores(as) e os(as) beneficiários(as) do cuidado, assim como todos aqueles e aquelas que dirigem, supervisionam ou prescrevem o trabalho. O cuidado não é apenas uma atitude atenciosa, ele abrange um conjunto de atividades materiais e de relações que consistem em trazer uma resposta concreta às necessidades dos outros. Pode também ser definido como uma relação de serviço, de apoio e de assistência, remunerada ou

² Nesta pesquisa, o foco está principalmente no espaço privado, isto é, a *família*. Entretanto, o trabalho reprodutivo também pode se organizar na forma de creches, orfanatos, escolas, restaurantes etc. (Ruas, 2020).

não, que implica um senso de responsabilidade pela vida e pelo bem-estar do outro. (2022, p. 30)

Além disso, consideramos que esses trabalhos são destinados especificamente às mulheres, pois a reprodução social depende de características biológicas e de um *savoir-faire* embutidos nos corpos sexuados-femininos (Hirata; Debert, 2016). Uma vez que são as pessoas com útero que podem engravidar, parir e lactar, o capital se torna dependente desses fatores para garantir a entrada de novos trabalhadores e manter os que já estão no sistema. Sendo assim, centraliza essa “fábrica” no núcleo familiar e responsabiliza a mulher para garantir que ela funcione. Ruas (2020) ainda enfatiza que não é a biologia que dita essa opressão, senão o próprio capitalismo que se apropria disso para oprimir o gênero feminino. Para isso, o trabalho doméstico se torna naturalizado ao invés de ser reconhecido como trabalho de fato para que seja invisível, não remunerado e dificulte ainda mais a luta e a superação dessa dominação contra as mulheres (Federici, 2019). Ainda segundo Federici, a figura da dona de casa foi concebida pelo capitalismo como um suporte completo para o trabalhador masculino, responsabilizando-a por sua assistência física, emocional e sexual, bem como pelos cuidados com os filhos e pelo acolhimento diante das frustrações geradas pelas relações sociais restritas do sistema. Essa construção evidencia como a domesticação da mulher foi funcional à manutenção da força de trabalho masculina dentro da estrutura capitalista.

Vale ressaltar que dentro da lógica familiar, é muito mais difícil desenhar o limite entre o que é amor e o que é trabalho emocional - muitas vezes essas esferas se mesclam (Soares, 2012). Além disso, o homem foi socializado muito bem para tornar sua mulher dependente de seu salário a fim de ter uma criada. Isso se dá pela organização da sociedade em que delega a família exclusivamente à esfera privada, sem levar em conta a dimensão política dessa instituição e desconsiderando a importância dos valores de justiça no âmbito individual. Nas palavras de Gomes,

é a oposição entre gênero e o público que torna possível que os teóricos ignorem a natureza política da família, a relevância da justiça na vida pessoal e, conseqüentemente, uma parte central das desigualdades de gênero com sérias conseqüências práticas, especialmente para mulheres. A divisão do trabalho entre os sexos tem sido fundamental para essa dicotomia. (Okin, 2008 apud Gomes, 2017, p. 38)

Todos esses fatores aprisionam ainda mais a mulher nessa lógica, deixando ainda mais difícil o reconhecimento da diferença entre o que são emoções da esfera subjetiva e o que é opressão patriarcal. Segundo o IBGE (2020), semanalmente as mulheres se dedicam aos serviços domésticos e ao cuidado, em média, 10,4 horas a mais que os homens. Bila Sorj (2014) ainda evidencia que quando essas mulheres são mães de filhos dependentes, elas dedicam, em

média, o triplo de horas aos trabalhos reprodutivos. Sendo assim, torna-se muito mais desafiador a construção de uma rede social efetiva considerando a falta de tempo que pode ser dedicado nesse caso.

1.2 Incorporação migrante

Como mencionado anteriormente, as mulheres que migram sofrem uma “justaposição de opressões” (Guizardi; Torralbo; Stefoni, 2018), uma vez que não foram feitas para transgredir o ambiente doméstico. Apesar disso, muitas vezes, o próprio fator do gênero impulsiona o deslocamento. Conforme mencionado por Cintra, Owen e Riggirozzi,

A dimensão de gênero não só se refere a que as mulheres venezuelanas fujam sozinhas ou acompanhadas e empreendam viagens perigosas *apesar* de gravidezes, saúde precária ou responsabilidades de cuidados de crianças pequenas ou familiares idosos, senão que fogem justamente *devido a* essas circunstâncias pessoais e responsabilidades de cuidado, exercendo sua agência e manifestando sua consciência de luta não por mera sobrevivência, senão pela reivindicação de seus direitos humanos, incluindo o direito da saúde sexual e reprodutiva.” (2023, p. 2. Tradução da autora³)

Sendo assim, vale aprofundar outros conceitos a fim de compreender melhor esse fenômeno. Truzzi (2012) traz a perspectiva histórica do termo “assimilação” - proveniente da Escola de Chicago -, que consiste no movimento do migrante abandonar seu passado, costumes e tradições a fim de absorver e praticar o estilo de vida do país de destino. Dado o contexto dos Estados Unidos do século XX, é importante mencionar que evidentemente havia uma relação hegemônica da cultura estadunidense em relação às demais, portanto, essa minoria que chegava ao país deveria se submeter não somente às normas jurídicas estadunidenses como também aos laços culturais americanos que estavam sendo impostos a esses grupos. A ideia de assimilação pressupõe uma hierarquia racial e coloca o Estado-Nação e seus integrantes acima dos sujeitos considerados “inferiores”, ou seja, os migrantes. Além disso, presume que somente o grupo que chega será impactado pelas diferenças e que ao longo do tempo tudo será misturado no *melting pot* da cultura *mainstream* estadunidense, ignorando que o próprio país também seria impactado com a diversidade que chegava de fora.

A partir destas considerações, preferimos trabalhar pelas lentes do transnacionalismo (Glick-Schiller; Basch; Blanc, 1995). Esse conceito diz respeito às pessoas que deixaram seus países de origem e dependem de conexões que atravessam fronteiras internacionais, pois suas

³ No original: “La dimensión de género no solo se refiere a que las mujeres venezolanas huyan solas o acompañadas y emprendan viajes peligrosos a pesar de embarazos, mala salud o responsabilidades de cuidados de niños y niñas pequeños o familiares ancianos, sino que huyen justamente debido a esas circunstancias personales y responsabilidades de cuidado, ejerciendo su agencia y manifestando su conciencia de lucha no por la mera supervivencia, sino por la reivindicación de sus derechos humanos, incluido el derecho a la salud sexual y reproductiva.”

identidades estão relacionadas com mais de um estado-nação. Eles não podem ser considerados apenas viajantes pois se incorporaram na economia local, nas instituições políticas e na vida cotidiana do país que residem, porém, ainda têm conexões, realizam transações financeiras e participam de alguma forma da vida política do país de onde saíram. Tendo isso em vista, não podemos impor qualquer ideia de assimilação, uma vez que não defendemos a superioridade de um território - no nosso caso, o Brasil - sobre os indivíduos que migram para ele por qualquer motivo que seja. Estamos de acordo com Truzzi ao alegar que essa seria uma história unidimensional, afinal, “os imigrantes não necessariamente foram ‘assimilados’, mas construíram relações sociais absolutamente originais como estratégias de sobrevivência na nova terra.” Assim, “sua história pode ser contada, não como um dado, mas como um processo sujeito a idas e vindas, onde atuam forças centrífugas e centrípetas” (2012, p. 531).

Portanto, abandonamos a ideia de assimilação e trabalharemos com o conceito de incorporação. Segundo Glick-Schiller et al. é “o processo de construir e manter redes de relações sociais que conectam um sujeito ou um grupo de sujeitos a uma instituição reconhecida por pelo menos um estado-nação” (2006, p. 614). Defendemos o seu uso porque acreditamos que ele traz uma certa ideia de neutralidade na relação sujeito-estado sem impor uma dinâmica hierarquizada entre os migrantes e os cidadãos. Aqui é importante ressaltar que a incorporação pode ser dada de diversas maneiras e por diversos caminhos. Uma delas é a incorporação étnica de indivíduos que compartilham uma mesma identidade ou comunidade, entretanto, nesta pesquisa trabalhamos com o caminho não-étnico pois ele apela para outros tipos de conexão. Essa compreensão de incorporação será mobilizada na análise das trajetórias das mulheres migrantes entrevistadas, com foco especial na sua incorporação laboral.

1.3 Redes Sociais

Para compreender as formas de inserção social e laboral de migrantes em contextos urbanos, é essencial discutir o papel das redes sociais⁴. Segundo Lima e Conserva (2006), as redes sociais são conjuntos de relações construídas pelos agentes que podem ser articuladas para buscar resolução para problemas cotidianos. Instrumentalizar essas redes faz com que informações sejam geradas e compartilhadas facilitando o acesso a bens materiais e simbólicos. Os autores exemplificam essa ideia a partir da busca por trabalho remunerado, afinal, os custos para isso atualmente circulam em torno de transporte, alimentação, impressões de currículos, consulta em agências de emprego, entre outros. Entretanto, todo esse processo pode ser

⁴ Vale destacar que o conceito que estamos trabalhando de redes sociais não se trata das conexões online, e sim do meio em que as relações pessoais se encontram na vida material.

simplificado por meio de informações obtidas através de relações pessoais informais, que formam e ampliam redes de solidariedade. Dessa forma, podemos considerar que os indivíduos possuem um capital social, fundamentado em suas interações sociais diárias, que lhes permite acessar informações sobre oportunidades no mercado de trabalho. Além disso, Lima e Conserva reforçam que o capital em questão aumenta conforme a diversidade dessas relações sociais que o indivíduo participa. Além de oferecerem apoio material e simbólico, as redes sociais são, por natureza, flexíveis e dinâmicas, organizando-se de forma horizontal com base em afinidades, valores comuns e interesses compartilhados. (Martino, 2015). As redes são fundamentais pois elas não só garantem informações, mas também “apoio do cotidiano, seja nos processos de migração, seja na busca por trabalho, na estabilização financeira, em situações de desemprego ou desocupação etc.” (Lima; Conserva, 2006, p. 94). No mercado de trabalho, elas são fundamentais, já que podem garantir indicações dentro das empresas e, portanto, maior confiabilidade desses recrutados, aumentando a chance de efetivação do vínculo trabalhista.

A mobilização eficaz das redes depende da existência de capital social, entendido como a capacidade de acionar recursos a partir de vínculos sociais construídos ao longo do tempo (Bourdieu, 1986; Lima, 2001; Su, 2022). Ele é pautado por um conjunto de normas de reciprocidade, informação e confiança e é acionado por uma espécie de “credencial” - nos termos de Bourdieu - que é formada pela constante troca de reconhecimentos e favores entre os integrantes da rede. Esse capital é constituído nas relações cotidianas do agente. Seu volume depende do tamanho da rede e do acúmulo de outros capitais (econômico, cultural, simbólico) dos participantes dela. Apesar disso, ele depende de um esforço incessante de sociabilidade e uma série contínua de trocas. Para mantê-lo é imprescindível garantir uma estratégia de investimento para afirmar e reafirmar inúmeras vezes o reconhecimento entre os atores. Seus benefícios podem ser diretos ou indiretos, por exemplo: continuação de negócios, indicação para obtenção de emprego, resolução de questões individuais, entre outros.

Para aprofundar a análise, é necessário delimitar o conceito de vínculo e classificar seus diferentes tipos. Vínculos ou laços são as relações entre os atores e podem ser medidos quanto a sua força. É importante ressaltar que, nesta pesquisa, trabalhamos com vínculos positivos e simétricos no nível micro de análise, uma vez que estamos estudando as redes individuais dos sujeitos. De acordo com Granovetter a força de um laço é calculada pela “quantidade de tempo, intensidade emocional, intimidade (confidências mútuas) e os serviços recíprocos que caracterizam o laço” (1983, p. 1361, tradução da autora).

Ademais, Su (2019), aborda três tipos de capital social que se relacionam com a definição de Granovetter: união, ponte e conexão. Para a autora, o capital social de união se refere aos laços

mais próximos que compartilham características demográficas similares (membros da família, vizinhos, amigos íntimos). Já o capital social de ponte diz respeito aos vínculos entre pessoas de diferentes contextos étnicos, geográficos e/ou ocupacionais, mas que costumam compartilhar o mesmo status econômico e influência política. Por fim, o capital social de conexão representa os laços entre a comunidade e pessoas com posições de influência em organizações formais como escolas, a polícia, governo local, entre outros. Para os fins deste trabalho, traduzimos essas categorias para as participantes da pesquisa, a fim de facilitar a compreensão, como vínculos próximos (capital social de união), vínculos fracos (capital social de ponte), e vínculos organizacionais (capital social de conexão). Essa distinção é importante, já que Granovetter (1983) mostra como os laços fracos - nesse caso, o capital social de união - são fundamentais na difusão de informação e, portanto, na obtenção de emprego, já que as notícias podem circular de fora do grupo. Além disso, também são importantes para a integração dos sujeitos na sociedade.

A ausência ou limitação dessas redes compromete o acesso de migrantes recém-chegados a informações estratégicas sobre o território — como serviços públicos, escolas, oportunidades de lazer ou acesso ao mercado de trabalho. No caso das mulheres, especialmente aquelas responsáveis pelo cuidado, a sobrecarga reprodutiva e o isolamento doméstico agravam esse quadro, dificultando a formação e mobilização de vínculos diversos.

CAPÍTULO 2 - CONTEXTO

Araraquara, cidade média localizada no interior do estado de São Paulo, foi o campo empírico desta pesquisa em razão de sua significativa presença migrante e das políticas locais de acolhimento. Segundo o IBGE (*/S.d./*), o município possui cerca de 240 mil habitantes em uma área de 1.003,625 km² de acordo com o último censo. Além disso, no início de 2023, a partir de mapeamento realizado pela prefeitura em 2023, foram registradas 86 famílias de pessoas refugiadas residentes no território (G1, 2023). Segundo o portal, os indivíduos eram nacionais da Bolívia, Perú, Síria, Afeganistão e Venezuela. Nota-se que o registro foi feito exclusivamente para pessoas refugiadas, portanto, caso houvesse sido realizado, o levantamento de pessoas em outras situações migratórias não foi encontrado. Além disso, este foi o último dado localizado sobre migração internacional no município. É importante notar que em 2025 houve mudança de gestão política na cidade o que impactou nas políticas públicas voltadas para migrantes – inclusive no próprio mapeamento desses sujeitos.

O acesso ao campo se deu por meio do curso de Português como Língua de Acolhimento (PLAc), promovido pela Unesp em parceria com a Igreja de Jesus Cristo dos Últimos Dias e a prefeitura municipal. A iniciativa surgiu em 2018 buscando atender as pessoas venezuelanas que chegaram em Araraquara (Castilho, 2024). Atualmente, o curso conta com alunos de origens que vão além da Venezuela, entretanto, ainda é composto majoritariamente por nacionais venezuelanos, entre outros como afegãos, cubanos, colombianos e afins.

A área de atuação do Português como Língua de Acolhimento justamente entende como a língua é uma ferramenta fundamental para promoção da incorporação social, que traz mais igualdade de oportunidades de participação da vida pública. Lopez (2016 apud Mori, 2024) mostra como o idioma é fundamental para uma “reumanização” e que assegura até mesmo uma certa defesa pessoal. Portanto, torna-se fundamental na recepção de imigrantes e refugiados uma vez que auxilia o sujeito a construir essa ferramenta e que colabora para proporcionar uma maior integração com a comunidade.

Vale ressaltar também o trabalho de Teodoro e Ruseishvili (2023) analisando a participação da Igreja de Jesus Cristo dos Últimos Dias que exerceu um papel fundamental na interiorização dos venezuelanos que entram pela fronteira no norte do Brasil. Segundo as autoras, a instituição foi responsável por transferir em média 550 pessoas por mês - a maioria para os estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, já que a Igreja possui maior densidade nessas regiões. Ressalta-se que os migrantes venezuelanos estão inseridos no

programa da Operação Acolhida, uma iniciativa do Governo Federal, juntamente com as Forças Armadas brasileira, a Organização Internacional para as Migrações (OIM) entre outras organizações da sociedade civil, que busca dar assistência aos recém-chegados da Venezuela em situação de vulnerabilidade, os realocando dos municípios de Roraima para outras regiões do Brasil de forma gratuita (Brasil, [s. d.]). Nota-se o papel da Igreja mencionada acima nessa operação e como ela é fundamental na incorporação primária dos migrantes apoiados por ela (Ruseishvili; Teodoro, 2023). Sendo assim, percebe-se a participação dessa instituição na própria formação do PLAc e sua presença na cidade de Araraquara.

Nesse contexto, o município em questão se destaca no interior de São Paulo, pois, além de receber um número significativo de migrantes, desenvolveu políticas públicas importantes voltadas a essa população. Por ser uma cidade média, diferencia-se das metrópoles, que geralmente contam com maior infraestrutura para recepção de recém-chegados, formação de comunidades étnicas e oferta de empregos no mercado de trabalho (Ruseishvili; Teodoro, 2023). Apesar dessas limitações, no ano de 2023, o então prefeito Edinho Silva sancionou a Lei nº 11.020 que instituiu a Política Municipal de Atendimento ao Imigrante e Refugiado. A legislação reforça os direitos a essa população garantidos pela Constituição, mas também facilita o acesso às políticas sociais do próprio município (Fattah, 2025).

“A legislação estabelece diretrizes para inserção dos imigrantes em políticas sociais, com destaque para o Aluguel Social, além do resguardo dos direitos básicos. O que chama a atenção, além da oferta do Aluguel Social, é também a promoção do curso de português para estrangeiros e a regularização dos documentos. No artigo 3o, inciso II, é ressaltada a prioridade na garantia dos direitos da criança e adolescente imigrante e refugiado, respeitando os termos previstos no ECA.” (Fattah, 2025, p. 94)

Esses elementos tornam Araraquara um campo propício para a realização desta pesquisa, não apenas pelo volume de migrantes recebidos, mas também pelo desenvolvimento institucional de políticas de acolhimento. A estrutura do PLAc e sua ampla divulgação facilitaram o acesso às participantes e a imersão no cotidiano das interlocutoras.

CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA

3.1 Inserção no campo

A partir das conexões previamente estabelecidas pela orientadora, entrei em contato com as organizadoras do curso de português para estrangeiros de Araraquara mencionado acima a fim de visitar as reuniões e estabelecer relações com as possíveis participantes. A partir disso, passei a participar dos encontros aos sábados. A visita contínua no curso foi fundamental para estabelecer a confiança entre pesquisadora e interlocutoras. Além disso, o domínio do espanhol me garantiu esse aprofundamento de contato, já que todas têm dificuldade com o português e por isso compareciam às aulas. Durante as visitas, percebi uma necessidade de maior atenção às crianças, já que elas precisavam ficar em silêncio a aula inteira estando na mesma sala com suas famílias. A idade delas variava de 3 a 9 anos e frequentemente os pais - principalmente as mães - precisavam interromper a atenção na aula para atender as necessidades do filho, como por exemplo, levá-lo ao banheiro, buscar água, etc.

Tendo isso em mente, solicitei às organizadoras do curso uma sala separada para oferecer recreação para essas crianças e prontamente consegui. Portanto, todos os sábados passamos a tarde juntos brincando, pintando, assistindo filme, enquanto os responsáveis assistiam às aulas tranquilamente. Isso me fez entender um pouco o pano de fundo em que as famílias estavam inseridas e assim consegui me aproximar mais das mães - que são o meu foco de pesquisa.

Figura 1. Sala de recreação com as crianças



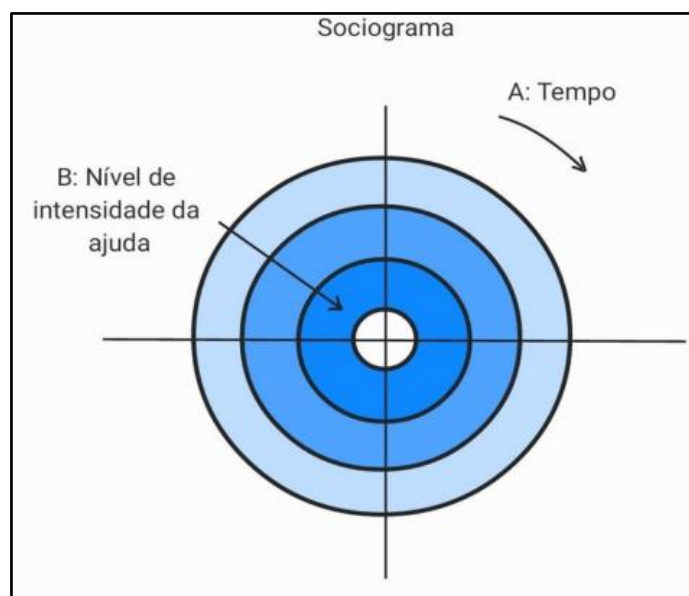
Fonte: elaborada pela autora

Percebi que essas interações fizeram com que os próprios alunos do curso passassem a confiar mais em mim e quando apresentei a proposta de aplicação do sociograma rapidamente várias mulheres se voluntariaram. Ao total foram 15 respostas completas. Além disso, sinto que com essa participação em cuidar das crianças, pude retribuir um pouco do que as participantes já faziam por mim, isto é, me conceder informações de suas vidas pessoais para o propósito da pesquisa.

3.2 Sociograma

A produção de dados foi dividida em duas fases: sociograma e entrevistas individuais. Para o sociograma, adaptamos a técnica da pesquisadora Yvonne Su (2019), que a elaborou em sua tese de doutorado, na qual teve a oportunidade de investigar a recuperação de comunidades nativas das consequências de desastres naturais na Ásia. Em nossa pesquisa, ele foi montado para obter um mapa de capital social das interlocutoras acerca de suas redes sociais usadas na inserção laboral e geração de renda.

Figura 2. Exemplo de sociograma antes de estar preenchido



Fonte: elaborada pela autora

O sociograma consiste em um mapa em formato de círculo dividido em quatro segmentos que representam a intensidade da ajuda que um alter (laço da interlocutora) proveu no Brasil – representadas pelas camadas e distinguidas com os números de 1 a 4 sendo 1 a ajuda mais intensa e 4 a menos (figura 2). A ajuda pode ser de qualquer gênero – emocional, financeira, laboral ou qualquer outra. Além disso, repartimos em quatro fatias que

representavam o tempo que a interlocutora está no Brasil, isso quer dizer que o recorte de tempo que utilizamos começa com a chegada da migrante no território brasileiro. Para um uso efetivo desta técnica, posicionamos post-its em três colunas com diferentes cores: a primeira, representada pela cor rosa, dizia a respeito dos vínculos próximos; a segunda, amarela, representava os vínculos mais ou menos fortes; e a última, de cor verde, requeria os vínculos organizacionais. A partir disso, montamos, em uma folha A3, o círculo com os post-its ao lado, juntamente com uma filipeta anexada requerendo informações básicas das interlocutoras que serviram para a triagem da segunda etapa – a entrevista individual.

Figura 3. Filipeta anexada ao sociograma

<u>Cuestionario</u>	
Nombre:	_____
Teléfono:	_____
Nacionalidad:	_____
Fecha de nacimiento:	___/___/___
Año y mes que llegaste en Brasil:	_____
¿Tienes hijos? ¿Cuántos?	_____
¿Cuántos años tienen tus hijos?	_____
Estado Civil:	_____
¿Cuántas personas viven en tu casa?	_____
¿Trabajas? ¿Con lo que?	_____
Raza/etnia:	_____
Año y mes que empezaste a trabajar en Brasil:	_____

Fonte: elaborada pela autora

Aproveitei o tempo concedido de uma das aulas para aplicar a técnica nas mulheres que frequentavam o curso e se voluntariaram para a pesquisa. Primeiramente, pedi para que elas preenchessem suas informações básicas no anexo; em seguida solicitamos que elas preenchessem os post-its rosas e amarelos com o nome de seus vínculos da maneira e ordem que preferissem. Além dos nomes, as participantes escreveram códigos que estavam inscritos em uma legenda juntamente com o sociograma (figura 4). Como dito anteriormente, a pesquisa foi desenvolvida em espanhol, por ser a língua de origem das mulheres e, portanto, para facilitar o entendimento delas. Após o preenchimento, as participantes posicionaram os post-its no sociograma de acordo com as regras de tempo e intensidade de ajuda no Brasil. Ao finalizarem

essa primeira parte, elas seguiram para a última categoria - os vínculos organizacionais – e repetiram o processo de posicionamento dos papéis ao redor do mapa para assim finalizar esta etapa da pesquisa.

Justificamos esta técnica, pois, estamos de acordo com Su quando a autora diz que o sociograma traz controle nas mãos das interlocutoras da pesquisa, principalmente por tratarmos de assuntos delicados como redes sociais e o difícil processo migratório enfrentado por elas, as deixando escolher as informações que compartilharão. Além disso, obtivemos o registro físico da rica trajetória de vida dessas mulheres que, na maioria das vezes, foram forçadas a saírem de seus países de origem (principalmente a Venezuela, que enfrenta uma situação política e econômica delicada). Esse registro é fundamental para marcar o testemunho de resistência e da cultura de origem delas, mas também, deixar assinalado o exemplo de cuidado com suas próprias famílias – pois, além de tudo, ainda cuidam de maridos e filhos pequenos.

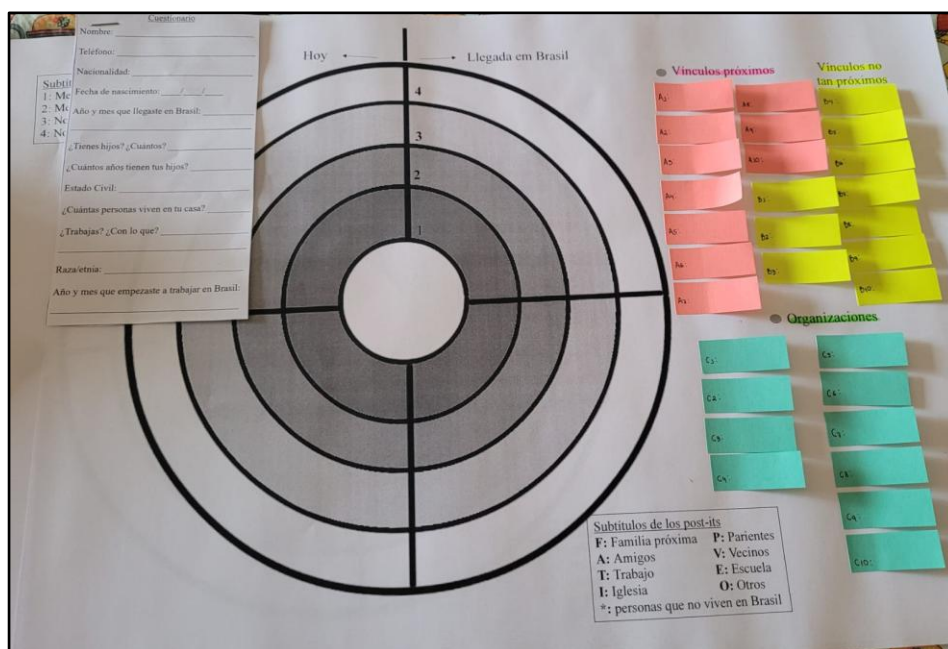
Figura 4. Código dos post-its

<u>Subtítulos de los post-its</u>	
F: Familia próxima	P: Parientes
A: Amigos	V: Vecinos
T: Trabajo	E: Escuela
I: Iglesia	O: Otros
*: personas que no viven en Brasil	
♡ : te ayudó a conseguir trabajo	

Fonte: elaborada pela autora

Obtivemos, no total, 17 respostas. 2 delas foram incompletas, pois as participantes precisaram sair durante a aplicação, portanto, responderam somente a primeira parte com as informações parciais. Sendo assim, 15 mulheres responderam totalmente o sociograma.

Figura 5. Sociograma completo antes de estar preenchido



Fonte: elaborada pela autora

Figura 6. Preenchimento realizado pelas participantes



Fonte: elaborada pela autora

3.3 Entrevistas

As entrevistas foram utilizadas para aprofundar os dados produzidos pelo sociograma. No total, foram realizadas 6 entrevistas, com uma duração média de 30 minutos. 3 foram realizadas presencialmente (uma na casa da interlocutora, e as outras duas em espaço público - o que interferiu razoavelmente a gravação). As outras 3 foram realizadas a distância. Uma delas totalmente pelo Google Meet, outra parcialmente por áudios do WhatsApp e parcialmente

pelo Google Meet e a última totalmente por ligação do WhatsApp. 5 entrevistas foram realizadas em espanhol e uma em português, a depender da preferência das próprias interlocutoras.

Nos baseamos na técnica de entrevista semiestruturada (Minayo, 2021) em que são elaboradas perguntas bases, em blocos, que guiaram um aprofundamento dos tópicos. Os três principais blocos eram capital social, reprodução social e trabalho. Também as consideramos importantes para garantir que as interlocutoras expressem suas queixas, anseios e histórias a partir de seus relatos, centralizando nelas o poder da narrativa.

3.4 Limitações

É importante salientar algumas condições. No trabalho sobre o sociograma em que nos baseamos, a pesquisadora e sua equipe foram de residência em residência para produzir os dados em questão. A equipe realizou o sociograma juntamente com as entrevistas individuais com cada um dos participantes. No nosso caso, muitos sociogramas foram realizados ao mesmo tempo e somente eu estava presente para auxiliar o preenchimento. Essa dinâmica comprometeu a possibilidade de orientar individualmente todas as participantes, o que pode ter dificultado a compreensão completa da proposta e, eventualmente, ocasionado equívocos no preenchimento. A ausência de uma entrevista imediata no mesmo dia também dificultou a interpretação das escolhas feitas pelas participantes na disposição dos vínculos nos sociogramas, limitando a profundidade da análise sobre a lógica de construção de suas redes sociais. Ademais, notei que algumas informações concedidas pelo questionário do sociograma haviam sofrido transformações, já que a segunda etapa foi realizada alguns meses depois da primeira. Algumas mulheres que disseram na primeira etapa que trabalhavam, já não trabalhavam quando a entrevista foi realizada e vice-versa. Por outro lado, esse fator possibilitou uma comparação entre os dois períodos de tempo, trazendo mais informações para a pesquisa.

Além disso, houve um intervalo de alguns meses entre a aplicação dos sociogramas e a realização das entrevistas. Nesse período, ocorreram mudanças nas condições de vida das interlocutoras: algumas que se declararam empregadas deixaram seus postos, enquanto outras passaram a trabalhar. Essas variações temporais impactam a consistência comparativa dos dados, mas, ao mesmo tempo, possibilitaram uma observação das transformações nas redes e nas trajetórias das participantes ao longo do tempo, oferecendo um elemento dinâmico à análise.

Outro ponto importante diz respeito ao tamanho da amostra: 15 sociogramas e 6 entrevistas não representam uma parcela estatisticamente significativa da realidade migrante na cidade. Por essa razão, evitamos generalizações e tratamos os dados como indicativos de trajetórias e padrões possíveis, sem pretensão de representação totalizante. Ainda assim, os relatos e percepções das participantes revelam aspectos relevantes da experiência migratória feminina e contribuem para a compreensão das desigualdades enfrentadas por esse grupo.

CAPÍTULO 4 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Sociograma

Após a obtenção das respostas, os dados dos sociogramas foram sistematizados em planilhas eletrônicas (Excel), a partir da codificação dos vínculos indicada nos post-its utilizados pelas participantes. Com o intuito de facilitar a visualização e a análise, as interlocutoras foram agrupadas em duas categorias principais: (i) mães de filhos pequenos; e (ii) não-mães e mães de filhos adultos — considerando que, neste último grupo, a carga de trabalho reprodutivo tende a ser reduzida, especialmente quando os filhos já não residem no mesmo domicílio. Cada grupo foi subdividido entre mulheres que estavam trabalhando e aquelas que não estavam no momento da coleta, formando assim quatro categorias analíticas: mães que trabalham, mães que não trabalham, não-mães que trabalham e não-mães que não trabalham. No total, obtivemos respostas completas de 6 mães que trabalham, 3 não-mães que trabalham, 2 mães que não trabalham e 4 não-mães que não trabalham.

Tabela 1. Perfil das Participantes

Participante	País de origem	Número de Filhos	Estado Civil	Raça	Trabalha
N.	Venezuela	4	Solteira	x	Sim
Rebeca	Venezuela	3	Casada	Parda	Sim
J.	Venezuela	4	Casada	Parda	Sim
C.	Colômbia	0	Casada	x	Sim
Sofia	Venezuela	2	Casada	x	Sim
M.	Cuba	1	Solteira	Branca (parda)	Não
Y.	Venezuela	2	Casada	x	Sim
E.	Bolívia	0	Solteira	Morena	Sim
Úrsula	Venezuela	2	Solteira	x	Não
Pilar	Venezuela	1	Solteira	x	Não
L.	Colômbia	2	Separada	x	não
R.	Bolívia	2	Solteira	Branca	Sim
Amaranta	Colômbia	3	Separada	x	Não
S.	Venezuela	2	Casada	Parda	Sim
D.	Venezuela	3	Casada	Branca	Não
Remédios	Cuba	0	Solteira	Branca	Sim
F.	Venezuela	3	Casada	Parda	Não

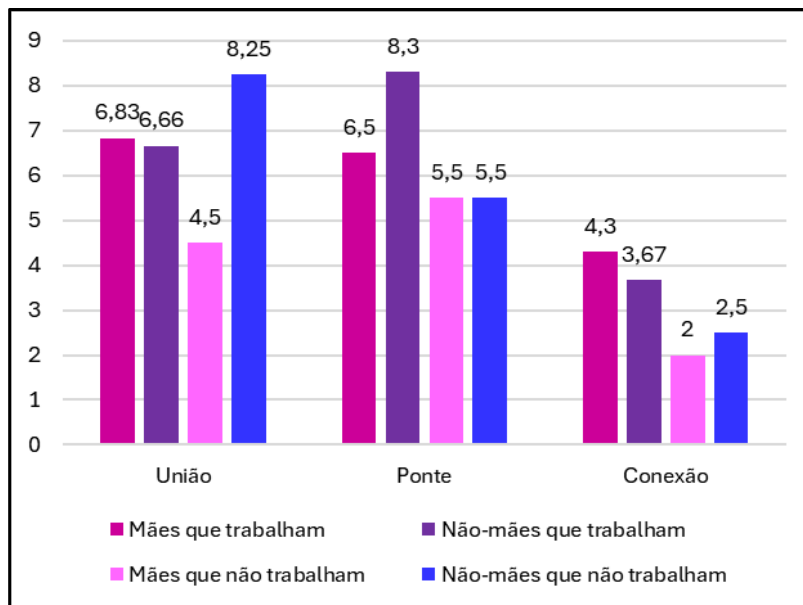
Fonte: elaborada pela autora com base nas respostas das interlocutoras

Para preservar a identidade das participantes, os nomes foram anonimizados. As interlocutoras que participaram apenas da etapa do sociograma foram identificadas por uma letra inicial. As participantes que receberam nome, além de completarem a primeira parte da pesquisa, também concordaram em me conceder uma entrevista e, portanto, voltam a serem mencionadas posteriormente, na sessão de análise das entrevistas. Os nomes fictícios foram concedidos a partir da obra de Gabriel García Márquez, *Cem Anos de Solidão*, marcada por personagens femininas fortes e consagrado como um clássico da literatura latino-americana.

Um aspecto relevante, embora não aprofundado neste estudo, refere-se às respostas sobre raça. Conforme as próprias interlocutoras responderam como visto na tabela 1, apesar de ser uma pergunta aberta a fim de que se expressassem da maneira que preferissem, muitas optaram por não responder, o que pode estar relacionado à dificuldade de se reconhecerem nas categorias raciais adotadas no Brasil, distintas das de seus países de origem. Nota-se que em uma resposta uma participante mencionou duas categorias raciais brasileiras enquanto outra se considera “morena”. Essa complexidade revela nuances importantes sobre a racialização da experiência migratória, que mereceria um aprofundamento específico em futuras investigações.

No que se refere à relação entre capital social e empregabilidade, Diogo Henrique Helal (2007) elucida algumas questões quando evidencia que a empregabilidade (probabilidade de um indivíduo estar ocupado) no Brasil está diretamente relacionada com a quantidade de capital social acumulada pelos sujeitos, e que o acúmulo deste capital aumenta em até 66,14% a empregabilidade formal dos indivíduos. Além disso, consideramos a importância do papel que os vínculos de ponte exercem na obtenção de emprego (Helal, 2007; Granovetter, 1973; Lima e Conserva, 2006), sendo assim, buscamos entender por categorias qual tipo de vínculo se sobressaía em relação a cada grupo de mulheres. Essa identificação foi possível a partir da cor dos post-its preenchidos pelas interlocutoras que separavam os tipos de vínculos - rosa para os vínculos fortes (Capital Social de União), amarelo para os vínculos não tão próximos (Capital Social de Ponte) e verde para os vínculos organizacionais (Capital Social de conexão).

Figura 7. Média de vínculos por cada mulher



Fonte: elaborada pela autora

Como mostrado na figura 7, os dados revelaram que a média de vínculos de ponte por cada mulher é 6,5 para as mães que trabalham; 8,3 para as não-mães que trabalham; 5,5 para as mães que não trabalham e 5,5 para as não-mães que não trabalham. Isso ajuda a confirmar a hipótese de que os laços fracos são determinantes para a obtenção de emprego, já que as não-mães que trabalham tem uma diferença considerável em relação às mulheres que não trabalham. Além disso, nota-se também a diferença da taxa entre as não-mães que trabalham em relação às mães que trabalham, já que as primeiras se sobressaem significativamente comparado às segundas, o que pode significar uma relativa facilidade ao conseguir esses empregos.

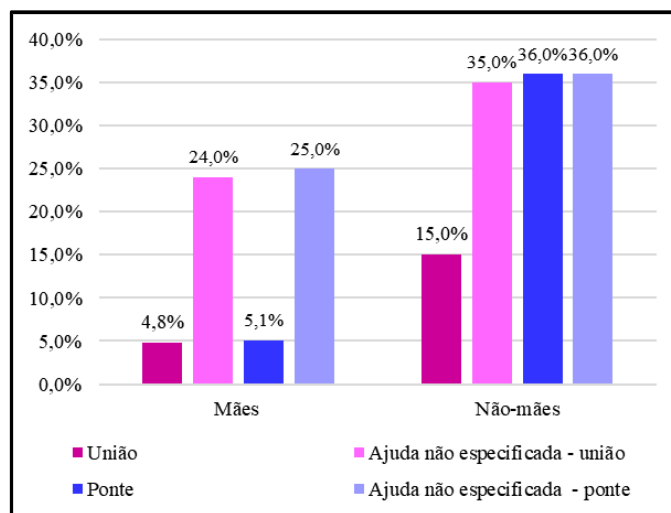
Ao observarmos os vínculos de união, percebe-se que não-mães que não trabalham se sobressaem em relação às demais com uma média de 8,25 vínculos por mulher, seguidas pelas mães que trabalham (6,83), as não mães que trabalham (6,66), e por último, as mães que não trabalham (4,5). Vale ressaltar que a idade das não-mães que não trabalham varia entre 54 e 75 anos, todas elas têm filhos em idade adulta (entre 22 e 47 anos). Em entrevista com uma delas, a interlocutora me revelou que mora com seu filho e nora e, portanto, eles administram o financeiro da casa, provendo suas necessidades. Considera-se que essas mulheres que já estão perto da terceira idade dependam majoritariamente de suas famílias em questões de apoio financeiro.

Além disso, os dados sobre capital social de conexão mostram que as mães que não trabalham são as que menos dependem de organizações, enquanto as mães que trabalham são as que mais precisam delas. Uma das organizações mais citadas no segundo caso foi o Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), 4 das 6 interlocutoras dessa categoria o citaram, todas disseram que o nível de ajuda foi em 2 (ajuda significativa), o CRAS ficou apenas atrás das igrejas (não especificado de qual tipo) em que 5 de 6 mulheres a referenciaram, o nível de ajuda ficou entre 1 e 2, ou seja, a ajuda foi significativamente alta. A prefeitura, o governo e os postos de saúde (UBS) também merecem destaque, uma vez que receberam 2 menções cada e todos com nível de ajuda em 1. Já na categoria das mães que não trabalham, dado o número de participantes da pesquisa (2), não obtivemos respostas repetidas, entretanto o CRAS e a prefeitura também foram mencionados, ambos com nível de ajuda em 1 (muita ajuda). Vale lembrar que o curso de português para estrangeiros, o qual todas faziam parte, era oferecido pela prefeitura, o que pode ter influenciado essas respostas. Para as mulheres que não são mães e trabalham, as Universidades tiveram relevância: 2 das 4 mulheres dessa categoria citaram a Unesp (com nível de ajuda em 1 e 3) - uma delas também citou a UFSCar (nível de ajuda em 3) e a outra também mencionou a UdeA da Colômbia (nível de ajuda em 1). Além disso, a prefeitura recebeu menção de 2 participantes, com nível de ajuda em 4 - nenhuma ajuda.

Por fim, é fundamental analisarmos a quantidade de vínculos que ajudaram essas mulheres a conseguirem emprego. As únicas mulheres que receberam ajuda para conseguir emprego, obviamente, são as mulheres que trabalham. Das 6 mães que trabalham que responderam o questionário, 3 afirmaram que obtiveram ajuda para conseguir emprego. No total, 4,8% dos laços de união das mães que trabalham as ajudaram a conseguir emprego, esse número sofre um leve aumento quando analisamos os laços de ponte e passa para 5,1% dos laços (Figura 8). Segundo as respostas, todos os laços moram no Brasil e a ajuda que ofereceram recebeu nível 1 (muita ajuda). Vale constar que 24% dos laços de união e 25% dos vínculos de ponte dessa categoria não foram especificados. No caso das não-mães, 3 mulheres participaram da pesquisa e 2 alegaram terem recebido ajuda para conseguir emprego, isto é, 66% da amostra. No total, 15% dos vínculos de união forneceram ajuda para conseguir trabalho, entretanto, todos eles são laços de uma só mulher e nenhum deles mora no Brasil, a ajuda se dividiu entre 1 e 2. Em contrapartida, 36% dos laços de ponte forneceram ajuda para as duas participantes, a maioria deles mora no Brasil e a ajuda se dividiu entre 1 (muita ajuda) e 4 (nenhuma ajuda). Aqui, 35% dos laços de união e 36% dos laços de ponte não foram especificados em relação à ajuda em obter emprego. Isso mostra, não só a importância dos

vínculos de ponte para o aumento de empregabilidade como também a diferença gritante entre as mulheres mães e não-mães.

Figura 8. Proporção de vínculos que ajudaram a conseguir trabalho



Fonte: elaborada pela autora

4.2. Entrevistas

4.2.1. Ser migrante

Ser migrante implica enfrentar uma série de desafios que vão desde a adaptação cultural até questões legais e de integração social. O processo de migração vai além da simples mudança física de lugar; envolve também a inserção em um novo sistema social e econômico, com um diferente idioma e diferente cultura. Esse movimento desperta a percepção de ser um *outro*, de não se sentir completamente pertencente ao novo lugar. Anderson (2019) mostra como esses sujeitos percebem a importância do idioma e dos hábitos mais do que quando estão “em casa”. Além disso, a autora discute como as subjetividades nacionalizadas importam quando nos imaginamos como indivíduos, quem pertence a qual lugar e como isso impacta as formas de socialização e as formas de se fazer política em um país. É importante sempre enfatizar que esses fenômenos, apesar de soarem naturais, são imaginados e construídos para um certo tipo de pessoa, que corresponde a elite daquele lugar. Conseqüentemente, migrantes, que costumam

fugir da norma estabelecida, são forçados a não se encaixarem. Para isso, são estabelecidos diversos mecanismos legais e burocráticos que dificultam a incorporação desses sujeitos.

As entrevistas deixaram isso muito evidente: 5 das 6 mulheres entrevistadas relataram dificuldades em relação ao status-legal. Remédios está no Brasil desde 2013, veio de Cuba para realizar seu doutorado após ser selecionada para uma bolsa de estudos. Ela relata que depois do término de seu doutorado já não encontrou mais trabalho mesmo buscando seguir carreira acadêmica:

Muitas das bolsas a que me candidatei [pós-doc] aqui foram recusadas, talvez porque o meu currículo não tinha muitos artigos. Ou porque eu também não estava naturalizada na época, me naturalizei depois. [...] A verdade é que eu acho que não tive dificuldades por causa do meu gênero, senão por ter sido migrante. (Remédios., não é mãe. Tradução da autora).

Ela também traz um desabafo. A entrevistada relata que ouviu de um colega (também estrangeiro) que brasileiros estavam sendo priorizados para o processo de seleção da bolsa de pós-doutorado. Além de Remédios, Úrsula, mãe de bebês gêmeas, traz um relato parecido. Ela conta como foi difícil conseguir vagas na creche para as meninas e pontuou que a creche em tempo integral era fundamental para que ela pudesse trabalhar pois não possuía rede de apoio para cuidar das crianças, uma vez que seu marido trabalhava fora. Após a administração do local alegar que não havia vagas para o período integral, Úrsula descobriu que conhecidas dela haviam conseguido a vaga que ela tanto buscava. Quando a questioneei se ela achava que a escolha do destino das vagas estava relacionada com o fato dela não ser brasileira, a interlocutora confirmou. Apesar dos dois casos se tratar de especulação, as falas revelam uma percepção de exclusão de direitos e oportunidades apenas pelo fato de não ter nascido no mesmo território que os demais concorrentes.

Neste outro caso, Sofia relatou como estava sendo o processo de buscar emprego no Brasil e afirma ter sido bem desafiador. Além de tudo, naturalmente é excluída de algumas oportunidades:

Ser migrante torna as coisas mais difíceis para você? - Sim, claro que sim. Na verdade, a prefeitura abriu um concurso esses dias para alguns cargos e obviamente se eu não sou do Brasil não posso me candidatar, entende? Teria sido uma oportunidade, mas bem. Não posso participar, já rodei pra cá, já rodei pra lá. Pois bem... (Sofia, mãe. Tradução da autora).

Rebeca enfrentou dificuldades desde o princípio. Para atravessar a fronteira entre a Venezuela e Roraima teve que esconder seu filho do meio, que na época era apenas um bebê. Segundo ela, seu marido precisava estar presente para que não houvesse problema com as questões burocráticas da imigração, o que no momento não era possível. Em seu relato, contou como foi difícil para ela e o medo que enfrentou passando por essa situação. O filho mais velho

tinha apenas 6 anos e teve que esperar na Venezuela. A interlocutora relatou que apesar de conseguirem o trazer após os processos burocráticos que ela e o marido passaram, a criança ficou um tempo na casa de alguns familiares aqui no Brasil. Como a casa era pequena, não foi possível que ela e o restante da família ficassem lá, portanto tiveram que dormir em uma barraca na rodoviária com o bebê por 15 dias.

4.2.2. Ser mulher

É imprescindível levar em conta que como trabalho, o cuidado demanda não só energia física como também emocional. O trabalho emocional requer “a compreensão, a avaliação e a gestão das próprias emoções, assim como das emoções do outro para que [...] possa ser realizado. [...] São tarefas invisíveis.” (Soares, 2012, p. 49). No seio familiar, isso inclui acolher os sentimentos dos familiares e buscar soluções para demandas, frustrações e ressentimentos. Além disso, também diz respeito a exercícios diários de planejamento de refeições, logística de transporte dos moradores da casa, organização de férias, entre muitas outras atividades. Nas entrevistas, isso se mostrou muito evidente. As mulheres relatam precisar pensar em cada detalhe do funcionamento da casa:

É mais eu, que ele fica trabalhando. É tudo eu. Se eu precisar, ter que ir no médico, aí eu deixo tudo arrumado e ele arruma as crianças, dá café da manhã e leva. Mas tenho que deixar tudo preparado, se não o celular estoura. “Onde tá isso? Onde tá o outro? Onde, onde, onde?” Eu falo assim: “você é novo aqui, não mora aqui” (Rebeca, mãe de 3 crianças, casada).

E as meninas? - Sou mais eu [hahaha]. Mas ele [marido] ajuda sim, no sentido de que se ele faz mamadeira eu dou pra elas, ele troca, eu fico com uma, ele fica com a outra. [...] *Porque se você falar para ele “veste ela”, você tem que buscar a roupa.* (Úrsula, mãe de gêmeas de 1,5 ano, casada. Tradução da autora)

As entrevistas também revelaram como as mulheres assumem essa responsabilidade e a tomam para si. Quando as perguntei sobre a divisão das tarefas de casa, elas sempre se referiam a participação do parceiro como uma “ajuda”, ou algo ocasional:

Normalmente, eu mesma faço, mas às vezes meu marido lava o quintal, às vezes ele lava a louça, pelo menos. E, por exemplo, hoje ele me ajudou a dobrar a roupa e, assim, às vezes acontece de as crianças ajudarem, ele sempre conversa com eles para que ajudem a varrer o quintal, para que possam organizar o quarto, para que possam pegar suas coisas. (Amaranta, mãe. Tradução da autora)

Limpeza, ele [namorado] me ajuda uma vez por semana. Lavar a louça, sou eu quem lava a louça. E cozinhar, às vezes ele corta algumas coisas, mas a maioria das coisas eu mesma faço. (Remédios, mora com o parceiro, não é mãe. Tradução da autora)

Então, se eu fizer uma coisa, minhas filhas - eu simplesmente, graças a Deus, posso dizer a elas “estendam as roupas” e elas vão lá e entendem as roupas, “arrumem o quarto” e elas fazem isso. Às vezes, meu marido varre a casa por conta própria, faz coisas desse tipo. (Sofia, mãe de 2 adolescentes, casada. Tradução da autora.)

É notório que toda essa responsabilidade sobrecarrega as mulheres emocionalmente e fisicamente. Após ser demitida do hotel em que trabalhava, Rebeca começou a vender frango assado com o marido. Segundo ela, o casal realizava essa atividade aos domingos. Além de ser encarregada pela preparação dos frangos, Rebeca também tem 3 filhos (11, 6 e 3) e retrata como é a rotina da família nos fins de semana:

[Vender frango] pra mim é um pouco mais desgastante, né? Porque enquanto eu faço os frangos, tô pensando o que vou fazer de janta pros meninos, aí tem que manter a casa limpa. Aí vai tomar banho, vai tomar banho, vai tomar banho [referente aos três filhos]. Aquela briga, depois que não quer tomar banho quer todo mundo entrar no banheiro, aí aquela briga quem vai entrar primeiro. Aí depois vai arrumar as coisas, não deixa o quarto bagunçado, aí tem que eu olhar se deixou o quarto bagunçado, se deixou o outro quarto bagunçado. [...] Se eu não arrumar no mesmo dia, no sábado, que eu arrumo, corto tudo os frangos, se eu deixar... Você vai ver eu correndo na rua correndo pelada de louca [risadas]... Porque fica uma bagunça. Aí eu termino, aí vou direto, não paro pra nada, as vezes nem pra jantar. Aí dou janta pra eles, e continuo limpando, arrumando tudo de novo, porque como não tem aí é só aquele cheiro de frango. Aí eu lavo tudo de novo e aí domingo de novo. Limpar tudo de novo, que aí tem que espetar os frangos, aí fica aqui uma bagunça, aí depois tudo que a gente usa lá fica tudo sujo, aí lavar a máquina, é trabalho mesmo.

As atividades são claramente intensas e se acumulam com o cuidado que a mãe exerce em relação aos filhos e a casa, deixando o trabalho ainda mais pesado. Quando a perguntei se sentia sobrecarregada a resposta foi bem clara:

Às vezes me sinto. Às vezes dá vontade de vender todo mundo hahaha. Às vezes me sinto sobrecarregada mesmo. E assim, pra desabafar, eu fico sozinha, começo a chorar, mas é por conta, sabe? A cabeça fica cheia de coisas, mas do resto é tranquilo. A gente como mãe às vezes tem que entender que não é fácil não, porque eu decidi fazer da minha vida, não foi ninguém que me obrigou. Então assim, eu compreendo.

Em geral, as mães compartilharam da mesma angústia, principalmente se precisam conciliar a esfera produtiva com a esfera doméstica. Em contrapartida, as não-mães não trazem essa característica nos relatos. Mesmo Remédios, que trabalha fora, conta que consegue conciliar bem a rotina com a casa e as responsabilidades do trabalho. Esses dados mostram como a maternidade intensifica ainda mais o trabalho reprodutivo. Além de tudo, as mães ainda sofrem de questões de saúde mental:

[Trabalhando fora] a gente fica com ansiedade. Fiquei com muita ansiedade. Fiz 6 meses de tratamento para a ansiedade. Já tinha feito anteriormente para depressão. [...] Não sei parece que aquela situação que eu tinha, aquela pesadez, aquele, não sei... um peso muito grande em cima de mim. Porque assim, ou era uma responsabilidade ou era outra, então minha família tá na frente, né? (Rebeca, mãe de 3 filhos)

Como afirmado por Hirata (2022), o care possui várias dimensões. Além das questões materiais como cozinhar, limpar, lavar e afins, as mulheres também se tornam responsáveis por acolher e cuidar dos sentimentos dos familiares. Sofia relata como funciona essa dinâmica em sua família:

- Quando as meninas se sentem tristes, com quem é que falam? - Hahaha. Comigo! Comigo porque eles já sabem que é através de mim, por isso, comigo. Porque nós

temos uma coisa, eles falam comigo e eu falo com o meu marido [...] e depois volto a falar com elas, a não ser que seja uma coisa muito extrema, então a gente senta todo mundo. Percebe o que quero dizer? Se for com a minha filha mais velha, então bem, "vamos conversar com o papai.", porque isso é algo um pouco mais forte... (Sofia, mãe de adolescentes. Tradução da autora)

O lazer também foi uma pauta, afinal, é preciso dar vazão a tamanha sobrecarga em algum momento. Para a maioria das interlocutoras, domingo é o dia de passear e fazer algo diferente. Apesar disso, as atividades fora de casa sempre são em família. A única que relata algo diferente é Sofia., mãe de adolescentes, que não demandam tanto cuidado quanto as crianças. A venezuelana relata que sai de casa para caminhar no centro da cidade a fim de se distrair um pouco, mudar os ares da casa e passear nas lojas - mesmo que seja somente para olhar os produtos.

Por outro lado, quando perguntei a Úrsula sobre os programas de lazer, a princípio relatou que a única coisa que pode fazer sozinha pois o marido se disponibiliza para cuidar das crianças é o curso de português de sábado a tarde. A interlocutora explica que tem o apoio do cônjuge já que a finalidade da atividade é crescimento pessoal. Entretanto, quando ela relata as atividades em família, conta que enfrenta mais um desafio - o transporte:

Mas como não temos carro e a maior parte das coisas são longe e porque temos dois bebês - quer dizer, não são assim tão bebês, mas os úberes criam problemas, às vezes não se pode, não nos querem levar porque temos crianças. Acho que tem uma política que diz que não se pode viajar com crianças. Isso nos limita muito. (Úrsula Tradução da autora).

4.2.3. Ser mulher e migrante no mercado de trabalho

Na Venezuela, país de origem de Sofia e Úrsula, as participantes possuíam carreiras consolidadas no mercado de trabalho. Sofia é técnica superior em administração, trabalhou 20 anos em uma prefeitura do país. Úrsula é especialista em avaliação sensorial de alimentos, formada em tecnologia de alimentos, trabalhou nessa área não só na Venezuela como também no Peru. No Brasil ambas trabalhavam como ajudante de cozinha. Sofia conta que encontrou o trabalho pelo Facebook, na entrevista teve problema pois seu currículo superava as expectativas do cargo:

Eu costumava dizer à gerente da época: "Não me interessa o lugar de ajudante de cozinha porque o que eu preciso é trabalhar" [...] E ela dizia: "Como é que eu posso pôr uma pessoa com as qualificações que você tem como ajudante de cozinha?" (Sofia. Tradução da autora)

Como Remédios não conseguiu bolsa de pós-doutorado, precisava trabalhar para se manter no país. Para isso, buscou emprego em diversas áreas a fim de ter renda própria. A interlocutora relata o mesmo problema sofrido por Sofia: "Em algumas empresas do setor de meio ambiente, diziam que o meu currículo era demasiado extenso porque eu tinha um

doutorado. Foi então que comecei a colocar menos coisas no meu currículo.” Mesmo sendo formada em química, hoje a cubana trabalha como agente comunitária de saúde, pois, nas palavras dela, queria “fazer algo que dependesse de seu próprio esforço e não de outras pessoas.”

Por outro lado, os horários de entrada e saída do trabalho não combinam com a rotina de mães que as interlocutoras levam. Sofia precisava trabalhar no turno da noite, das 14h às 23h mais especificamente, algumas vezes chegava em casa à meia-noite ou até 1 hora da manhã. Como o marido trabalha viajando e a filha mais velha estudava na faculdade nesse período, não havia ninguém que ficasse com a filha mais nova, de 13 anos, portanto, Sofia se demitiu do trabalho para se dedicar a família mesmo gostando do trabalho e querendo manter a liberdade de ter seu próprio dinheiro. Úrsula também relata dificuldade com o horário de trabalho. Apesar de ter se organizado para trabalhar enquanto as crianças estão na creche, frequentemente precisa fazer horas extras. No dia anterior à entrevista, um sábado, precisou trabalhar até as 7 horas da noite. Amaranta, apesar de não trabalhar, conta que foi preciso recusar uma oferta de trabalho já que era exigido que a colombiana ficasse das 14h às 22h trabalhando. Foi preciso recusar, já que nesse horário precisava cuidar dos filhos.

Pensando nisso, Guiginski e Wajnman mostram o impacto da presença dos filhos sobre a participação e a qualidade de inserção de mulheres brasileiras no mercado de trabalho. Segundo elas, “ter um filho em idade pré-escolar diminui as chances de a mulher estar no mercado de trabalho em 52,2% e ter dois ou mais filhos em idade pré-escolar reduz esta chance em 73,5%, em comparação com aquelas que não têm filhos”. Já no outro caso, “a presença de um filho em idade escolar reduz as chances em 24,8% e dois ou mais filhos representam 34,4% de decréscimo nas chances de participação, em relação àquelas sem filhos” (2019, p. 15). Esses dados reforçam ainda mais a “justaposição de alteridades”, pois por um lado as mães precisam sempre considerar os horários dos filhos ao trabalharem e por outro, às migrantes são relegados os empregos precarizados que nem sequer consideram a expertise obtida em suas trajetórias a ponto de terem que omitir experiências do currículo.

A “penalidade da maternidade” também se sobressai no caso de Rebeca. A interlocutora precisou se afastar do trabalho por alguns dias pois sua filha mais nova, de apenas 3 anos, ficou doente. Ao voltar da licença, foi demitida. Além dela, Úrsula, também sente o impacto da maternidade mesmo ao buscar emprego. Quando a perguntei se ela chegou a mandar currículo para as empresas de sua área a interlocutora relata:

Eu ainda não queria me candidatar primeiro porque não domino a língua portuguesa. E em segundo lugar, eu quero organizar com as minhas filhas todo o horário na creche para eu ter tempo para chegar a uma entrevista, porque eu não queria mandar um

currículo que me ligasse: "Ah, não posso ir à entrevista" e depois não me voltam a ligar, então eu sei que não tem muitas empresas, por isso eu não posso perder a oportunidade de mandar um currículo se eu não tiver tempo, nem sequer para ir à entrevista. (Úrsula, tradução da autora)

Todos esses casos reforçam como a mãe sempre é a responsável pelo cuidado. Ao terem que escolher qual dos adultos responsáveis precisa ficar em casa e qual precisa sair para trabalhar, os homens nunca são cogitados para serem os encarregados do cuidado. Isso acarreta em demissões e limitações em relação ao tipo de emprego possível.

4.2.4. Capital Social

A importância do capital social de ponte, isso é, dos laços fracos na obtenção de emprego já se mostrou importante, entretanto, a própria percepção das interlocutoras colabora para essa teoria. Das 6 entrevistadas, 5 mencionaram a importância das indicações. Remédios conta que se não fosse pela aprovação no concurso, teria trabalhado no setor administrativo de um hospital por indicação de uma amiga. Ao perguntar a Rebeca se ela recebeu indicação para trabalhar a resposta foi nítida:

Sim. Foi o único jeito que eu consegui arrumar emprego. Por indicação. Porque assim, eu vejo que aqui é assim, pra gente trabalhar no lugar que for, a gente tem que ter alguém lá dentro. Se não tem, esquece, não vai conseguir não.

Apesar disso, todas relataram ter mais amigos no país de origem do que no Brasil, com exceção de Remédios, não-mãe que afirmou ser quase a mesma coisa. Um dos motivos, segundo metade das entrevistadas, é o fato da cidade em que residem ser muito fechada para estrangeiros. Ademais, mesmo o trabalho sendo uma boa oportunidade para formar vínculos, Úrsula conta que não consegue aprofundar muito suas relações lá. Segundo ela, uma das regras do serviço é não conversar nada além do que o necessário, ainda que o trabalho seja manual. Outra questão trazida por elas é o idioma. Úrsula retrata um pouco do cotidiano a partir deste aspecto:

Também por causa da língua. As pessoas são muito simpáticas, todo mundo nos cumprimenta e tudo, mas não temos facilidade em falar, por isso é difícil para as pessoas fazerem mais perguntas, às vezes não nos compreendem, acho que as pessoas não querem que nos sintamos mal por não nos compreenderem, por isso preferem não falar muito, para não nos envergonharem, imagino que se sintam um pouco envergonhadas, é como se não soubessem como falar e não nos compreendessem. (Tradução da autora.)

Por fim, é evidente que a quantidade de vínculos também está associada à história dos sujeitos em questão, isto é, os amigos de infância, os colegas de familiares, parentes distantes,

vizinhos de longa data, enfim, ao tempo que se passa em um lugar. Sendo assim, é evidente que algumas participantes, principalmente pelo pouco tempo que estão no Brasil, teriam menos amigos em comparação com o país de origem.

Nesse sentido, percebe-se a importância que os vínculos mais próximos, ou seja, os vínculos de união, exercem sobre o indivíduo. Úrsula conta que uma das poucas amigas que fez no Brasil é peruana e a ajudou em todos os sentidos referente a nova cidade. Segundo a interlocutora, essa amiga a orientou em relação a farmácia, hospital, loja de roupas de bebês e etc. Além dela, Remédios também contou com a ajuda de um amigo quando não tinha mais para onde ir, portanto, ficou em sua casa participando apenas da divisão de contas variáveis como energia e água.

Em contrapartida, Amaranta não teve uma história tão bonita. Em seu relato, conta que seu marido apresentava problemas relacionados ao consumo excessivo de álcool, comportamento que lhe causava desconforto e que a levou a solicitar a separação. Diante da decisão de separação, o marido afirmou que ela deveria ter os próprios recursos financeiros, pois ele não prestaria mais qualquer tipo de apoio, já que ela não trabalhava. Amaranta, que estava desempregada há algum tempo e em busca de uma ocupação, passou a enfrentar sérias dificuldades financeiras. Dependente economicamente do marido, ela se viu em uma situação vulnerável, na qual ele não fornecia nenhum suporte, e acabou sendo expulsa de casa. Desamparada, ela procurou abrigo em um centro de apoio para mulheres, onde relatou sua maior preocupação: conseguir um emprego para sustentar a si e aos filhos.

Durante o processo, a interlocutora buscou auxílio de amigos brasileiros que também eram amigos do marido. No entanto, eles se recusaram a se envolver na situação, o que agravou ainda mais sua sensação de isolamento. Além disso, sendo estrangeira e sem recursos financeiros, não tinha condições de retornar à Colômbia, seu país de origem. Eventualmente, ela conseguiu encontrar uma advogada disposta a ajudá-la a enfrentar essa situação jurídica e financeira, com a promessa de que o pagamento pelos serviços prestados seria feito posteriormente. Entretanto, no momento da entrevista, o casal havia reatado. A interlocutora não conseguiu terminar a história pois fomos interrompidas pelo filho que brincava no parque. Quando lhe perguntei se possuía ao menos alguém para conversar sobre essa situação, Amaranta disse que não.

4.2.5. E o futuro?

Ao final de todas as entrevistas, perguntei às interlocutoras o que faltava em suas vidas para se sentirem realizadas e contentes. As respostas giraram principalmente em relação à família. Mesmo aquelas que não são mães responderam que gostariam ou de trazer a família para o Brasil ou poder ajudá-los financeiramente a distância. Por outro lado, o desejo de ter um trabalho mais flexível que pudesse fornecer qualidade de vida ao ponto de conciliar a esfera reprodutiva com os trabalhos em casa também permeou as respostas, uma vez que as interlocutoras almejam conquistar independência financeira.

Rebeca também relatou a vontade que possui de rever a família. Ela e o marido estão no Brasil há 6 anos, segundo ela, nunca mais encontrou os parentes. Durante sua estadia no país, até mesmo teve outra filha que ainda não teve a chance de conhecer o restante dos familiares.

Quando fiz a pergunta à Úrsula, a entrevistada respondeu em meio às lágrimas:

Ai, [quero] voltar à minha vida. O que eu quero é... ter um carro para ter mais liberdade para sair e fazer coisas. É só isso que eu preciso: um carro e um emprego. [...] Outro trabalho que é mais suave porque o trabalho familiar em casa, são duas meninas que exigem muito, então é muito puxado, mas até eu conseguir na minha área eu ainda vou continuar procurando um trabalho que seja um pouco mais suave. (Tradução da autora).

CONCLUSÃO

A pesquisa realizada evidencia a profunda interseção entre as dinâmicas de migração e gênero, com foco especial na relação entre o trabalho reprodutivo e a dificuldade de incorporação laboral das mulheres migrantes. Os dados produzidos por meio dos sociogramas e das entrevistas indicam que a sobrecarga das tarefas domésticas — tradicionalmente atribuídas às mulheres — limita significativamente a formação de redes sociais diversificadas, comprometendo o acesso ao mercado de trabalho e, por consequência, perpetuando desigualdades estruturais que mantêm essas mulheres em posições de subordinação social e econômica.

Ao expor essas barreiras, este estudo contribui para o debate sobre a incorporação social e laboral de mulheres em contextos migratórios, revelando como normas sociais de gênero e políticas públicas insuficientes continuam invisibilizando o impacto do trabalho reprodutivo na trajetória das migrantes. As desigualdades identificadas — desde a má distribuição dos afazeres domésticos até a ausência de vínculos mobilizáveis — afetam principalmente mulheres que acumulam a função de cuidadoras, especialmente aquelas com filhos pequenos.

Os resultados apontam para a urgência de políticas públicas que articulem de forma efetiva o cuidado e o trabalho, promovendo estratégias de apoio que facilitem a construção de vínculos sociais e a autonomia econômica das mulheres migrantes. É importante considerar que, embora tais barreiras afetem também mulheres brasileiras, o atravessamento do marcador da migração — somado ao gênero, classe e, por vezes, raça — intensifica as formas de subalternização, conforme apontado na ideia de “justaposição de opressões”.

Ademais, reconhecer a natureza política da família, como propõem autoras feministas, é fundamental para pensar políticas públicas que transcendam a dicotomia entre público e privado. Se a família tem sido historicamente um espaço de reprodução da desigualdade, ela também deve ser o foco de transformações que possibilitem a emancipação das mulheres — especialmente aquelas em situação de mobilidade internacional.

Por fim, a valorização e o fortalecimento de instituições e programas já existentes — como o CRAS, as creches públicas e os cursos de português como língua de acolhimento — representam um caminho concreto para mitigar as desigualdades de gênero no contexto migratório. Além de oferecer suporte emocional, logístico e informacional, essas redes institucionais contribuem para a construção de capital social e para o desenvolvimento da

autonomia financeira das mulheres migrantes, enfrentando, assim, os efeitos da penalidade da maternidade em contextos de vulnerabilidade.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Bridget. New directions in migration studies: towards methodological de-nationalism. **Comparative Migration Studies**, [s. l.], v. 7, n. 1, p. 36, 2019.

G1. Araraquara mapeia 86 famílias de refugiados e irá oferecer curso de português. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2023/07/11/araraquara-mapeia-86-familias-de-refugiados-e-ira-oferecer-curso-de-portugues.ghtml>>. Acesso em: 6 ago. 2025.

Araraquara (SP) | Cidades e Estados | IBGE. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/araraquara.html>>. Acesso em: 6 ago. 2025.

BHATTACHARYA, Tithi. O que é a teoria da reprodução social?. **Revista Outubro**, [s. l.], n. 32, p. 99–113, 2019.

BOURDIEU, Pierre. The forms of capital. In: RICHARDSON, John. **Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education**. New York: Greenwood Press, 1986. p. 241–258.

BRASIL. **Operação Acolhida**. [S. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/operacao-acolhida/operacao-acolhida>. Acesso em: 26 jun. 2025.

CASTILHO, Natália de Melo. Português Língua de Acolhimento (PLAc). In: 23 jan. 2024. Disponível em: <https://www.fclar.unesp.br/#!/instituicao/administracao/divisao-tecnica-academica/secao-tecnica-academica/projeto-centro-de-linguas/portugues-como-lingua-de-acolhimento/>. Acesso em: 18 jun. 2025.

CINTRA, Natalia; OWEN, David; RIGGIROZZI, Pia. **MIGRACION FORZADA, DERECHOS HUMANOS Y SALUD SEXUAL Y REPRODUCTIVA: un abordaje de genero sobre las brechas de proteccion en america latina**. S.l.: PRACTICAL ACTION PUBLISHI, 2023.

FATTAH, Renata Motih Abdel. **Uma discussão sobre políticas públicas e a inclusão no ensino regular de imigrantes e refugiados (na região de Araraquara-SP)**. 2025. 148 f. - Unesp, Araraquara, SP, 2025.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. [S. l.]: Editora Elefante, 2019.

GLICK-SCHILLER, Nina; BASCH, Linda; BLANC, Cristina Szanton. From Immigrant to Transmigrant: Theorizing Transnational Migration. **Anthropological Quarterly**, [s. l.], v. 68, n. 1, p. 48, 1995.

GLICK-SCHILLER, Nina; ÇAGLAR, Ayşe; GULDBRANDSEN, Thaddeus C. Beyond the ethnic lens: Locality, globality, and born-again incorporation. **American Ethnologist**, [s. l.], v. 33, n. 4, p. 612–633, 2006.

GOMES, Agusta Antônia. **Uma teoria de Justiça de John Rawls: Crítica e Defesa Feminista**. 2017. - UFSC, Florianópolis, 2017.

GRANOVETTER, Mark. The Strength of Weak Ties: A Network Theory Revisited. **Sociological Theory**, [s. l.], v. 1, p. 201, 1983.

GUIGINSKI, Janaína; WAJNMAN, Simone. A penalidade pela maternidade: participação e qualidade da inserção no mercado de trabalho das mulheres com filhos. **Revista Brasileira de Estudos de População**, [s. l.], v. 36, p. 1–26, 2019.

GUIZARDI, Menara Lube; TORRALBO, Herminia González; STEFONI, Carolina. De feminismos y movilidades. Debates críticos sobre migraciones y género en América Latina (1980-2018). **Rumbos TS**, [s. l.], n. 18, p. 37–66, 2018.

HELAL, Diogo Henrique. Contextualizando a empregabilidade no Brasil: papel do capital social. **Análise**, [s. l.], v. 18, n. 2, p. 70–89, 2007.

HIRATA, Helena. **O cuidado: teorias e práticas**. São Paulo, SP: Boitempo, 2022. (Mundo do trabalho).

HIRATA, Helena; DEBERT, Guita Grin. Apresentação. **Cadernos Pagu**, [s. l.], n. 46, p. 7–15, 2016.

HOCHSCHILD, Arlie. Nos bastidores do livre mercado local: babás e mães de aluguel. In: HIRATA, Helena; GUIMARÃES, Nadya Araujo (org.). **Cuidado e Cuidadoras: as várias faces do trabalho do care**. São Paulo: Atlas, 2012. p. 185–200.

IBGE. **Em média, mulheres dedicam 10,4 horas por semana a mais que os homens aos afazeres domésticos ou ao cuidado de pessoas | Agência de Notícias**. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27877-em-media-mulheres-dedicam-10-4-horas-por-semana-a-mais-que-os-homens-aos-afazeres-domesticos-ou-ao-cuidado-de-pessoas>. Acesso em: 26 jun. 2025.

LIMA, Jacob Carlos. A teoria do capital social na análise de políticas públicas. **Revista Política e Trabalho**, [s. l.], n. 17, 2001.

LIMA, Jacob Carlos; CONSERVA, Marinalva de Sousa. Redes sociais e mercado de trabalho: entre o formal e o informal. **Trabalho: revista de ciências sociais**, [s. l.], v. 24, p. 73–98, 2006.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais: Linguagens, ambientes, redes**. 2ªed. [S. l.]: Editora Vozes, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método E Criatividade**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2021.

MORI, Bianca. **O Ensino e Aprendizagem de Português para mulheres migrantes: um estudo de caso**. 2024. 118 f. - Unesp, Araraquara, SP, 2024.

RUAS, Rhaysa. Teoria da Reprodução Social: apontamentos para uma perspectiva unitária das relações sociais capitalistas. **Revista Direito e Práxis**, [s. l.], v. 12, n. 1, p. 379–415, 2020.

RUSEISHVILI, Svetlana; TEODORO, Giovana Miorim. Comunidades de fé e incorporação migrante: venezuelanos no interior do estado de São Paulo. **Religião & Sociedade**, [s. l.], v.

43, n. 2, p. 61–86, 2023.

SASSEN, Saskia. Global Cities and Survival Circuits. *In*: EHRENREICH, Barbara; HOCHSCHILD, Arlie Russell (org.). **Global woman: nannies, maids, and sex workers in the new economy**. First Holt paperbacks edition. New York, NY: Metropolitan Books/Henry Holt and Company, 2004. (A Holt paperback).

SHELLER, Mimi. Gendered Mobilities: Epilogue. *In*: UTENG, Tanu Priya; CRESSWELL, Tim. **Gendered mobilities**. London/New York: Routledge, 2016.

SOARES, Angelo. As emoções do care. *In*: HIRATA, Helena; GUIMARÃES, Nadya Araujo (org.). **Cuidado e cuidadoras: as várias faces do trabalho do care**. São Paulo: Atlas, 2012. p. 44–59.

SORJ, Bila. Socialização do cuidado e desigualdades sociais. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, [s. l.], v. 26, n. 1, p. 123–128, 2014.

SU, Yvonne. Networks of recovery: Remittances, social capital and post-disaster recovery in Tacloban City, Philippines. **International Journal of Disaster Risk Reduction**, [s. l.], v. 67, p. 102641, 2022.

SU, Yvonne. **Remittances After Disasters: Case Study of Tacloban City, Philippines After Typhoon Haiyan**. 2019. Tese de Doutorado - University of Guelph, Canada, 2019.

TRUZZI, Oswaldo. Assimilação Ressignificada: Novas Interpretações de um Velho Conceito. **Dados - Revista de Ciências Sociais**, [s. l.], v. 55, n. 2, p. 517–553, 2012.

APÊNDICE

1. Roteiro Entrevista Individual

Bloco	Pergunta
Capital Social	<ul style="list-style-type: none">- Pode me explicar melhor como você colocou os post-its no mapa?- Você acha que foi importante conhecer essas pessoas para poder conseguir um emprego?- Você acredita que seus vínculos aumentaram ou diminuiram desde que você chegou no Brasil?
Trabalho	<ul style="list-style-type: none">- No seu país de origem você trabalhava? Com o que?- Como foi encontrar trabalho aqui no Brasil? E na Venezuela?- Como é trabalhar e ser mãe?
Reprodução Social	<ul style="list-style-type: none">- Com quem você mora?- Como é a divisão de tarefas na sua casa?- Quando seus filhos se machucam ou se sentem tristes a quem eles costumam recorrer?- Você tem tempo de lazer? O que costuma fazer para se divertir/descansar?- Você se sente sobrecarregada?- Tem sido difícil conhecer pessoas novas e fazer novos amigos no Brasil? Era difícil na Venezuela? Você sente que depois de ter filhos isso se tornou mais difícil?
Final da entrevista	<ul style="list-style-type: none">- O que você acha que falta para sua vida melhorar/para você se sentir mais feliz, mais realizada?- Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar relacionado ao tema?

2. Modelo de Sociograma

